

**O Globo**

**29/5/1984**

### **Fuzis versus barris**

JOELMIR BETING

Engenheiro desempregado, G.A.L. sustenta a mulher e os filhos menores a bordo de um táxi a gasolina, seu último carro particular. Ele não desliga o rádio:

"Estou acompanhando a briga lá no Golfo Pérsico. Se vier uma nova crise do petróleo, largo o táxi e vou procurar emprego de bóia-fria em Guariba. Não agüento mais trabalhar 14 horas por dia, com risco de vida, por apenas Cr\$ 240 mil por mês, sem depreciação nem trombada. No próximo aumento da gasolina, fico fora de combate. Já estou fazendo quatro quilômetros de bandeira empinada para cada quilômetro de bandeira faturada".

\* \* \*

Vamos, pois, ao rastilho de pólvora do barril de petróleo. Nas águas oleosas do Golfo Pérsico, o Iraque e o Irã, em nome de Deus, continuam brincando de tiro ao alvo no costado dos navios de terceira bandeira.

Até agora, os fuzis não conseguiram esvaziar os barris: a jugular de Ormuz responde por apenas 16 por cento do suprimento mundial. Produtoras de outras áreas e não integrantes da Opep (União Soviética, Mar do Norte, China, Angola, México, Alasca), todos com produção sem mercado, podem substituir os barris do fundo do golfo por telex.

O Brasil recebe da área conflagrada apenas 7,5 por cento do petróleo que consome.

\* \* \*

Reunidos em Londres para a competente avaliação do Mercado mundial, os grandes produtores e compradores de petróleo concluíram que o clima deve continuar em "calmaria nervosa", como se diz na terminologia do "spot-market" de Rotterdã.

O agravamento do conflito na região, com interrupção sumária do escoamento de petróleo, é hipótese tida como "remota" até prova em contrário. O aumento das cotações do barril no mercado livre, o do leilão para entrega imediata, ainda não aconteceu. E não por falta de especuladores de plantão. O Presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, participou da reunião de Londres.

"Os operadores do mercado estão apostando no esfriamento da guerra aberta no golfo a partir da semana que vem. A guerra é feita em nome de Deus e junho é tempo de Ramada, o inviolável jejum coletivo dos muçulmanos".

\* \* \*

Carlos Sant'Anna, Diretor comercial da Petrobrás, prefere lembrar que o mercado mundial penetra na entressafra de verão do Hemisfério Norte, petróleo do calor e da luz substituído por 16 horas corridas de sol.

Outro pára-choque da crise latente, segundo Sant'Anna: o óleo que escoar pelo Golfo arábico, abaixo de Ormuz, o óleo que desponha nos oleodutos da Síria e da Turquia, o óleo que bate ponto nos terminais do Mar Vermelho.

Semana passada, petroleiros brasileiros da Fronape, que se abastecem no terminal da ilha de Kharg, no interior do Golfo Pérsico, deram a volta por cima e encheram o ventre no porto de Ceyhan, na Turquia, com óleo bombeado desde o Iraque.

\* \* \*

Passo o recado para G.A.L., que me deixa no terminal da ponte-área, em Congonhas, com um suspiro fundo:

— Menos mal. Não vamos ter um novo aumento de fora para dentro e a briga lá no deserto não serve de desculpa para uma nova baionetada no bolso da gente. Mas é verdade que vamos pagar mais Cr\$ 31,50 por litro de gasolina para botar mais energia nas turbinas da Previdência?

— Verdade, sim. A fração da Previdência vai subir de 4 para 6 por cento do preço final da gasolina, do álcool e do diesel.

— Aumento, já?

— Parece que o próximo reajuste, incorporando os adicionais da Previdência e os limites cambiais do dólar-futuro (moeda da Petrobras), vai ficar para a primeira semana de julho, arrancada das férias.

— Jóia, jóia. Posso programar o mês que vem?

— Junho está garantido. A Seplan tem medo da inflação energética dos índices repassados. E o tal de dólar-futuro garante o esquema por mais 40 dias, se a mini contentar-se com 8,5 por cento ao mês.

— Que negócio é esse de dólar-futuro?

— Depois eu conto, que a fila aí atrás está me buzinando...

\* \* \*

Dei uma espiada na fila: todos os táxis movidos a álcool, com preço de consumo atrelado ao preço da gasolina amarela de fadiga. O terceiro táxi da fila me faz um sinal:

— Cumé, a gasolina vai para mais de mil, o álcool vai passar de 600 mangos?

— Se depender da paridade, sim.

— Vou plantar cana na sacada do meu apartamento...

— Então, experimente a variedade SP-70-1143, de alto rendimento. Ela faz 85 toneladas por hectare cultivado...

\* \* \*

No Electra movido a querosene, aeronave imperecível, o executivo de uma destilaria autônoma de álcool, de Campos, RJ, me pega pelo braço:

— Já temos avião movido a álcool, sabia? Um avião agrícola, que espalha defensivo químico pelas lavouras de cana nova. Já voei no bicho. É da Embraer.

— Parabéns. Vocês têm caminhão a álcool, trator a álcool, empilhadeira a álcool?

— Tudo isso e mais alguma coisa: bomba de irrigação a álcool.

— Não é mais vantajoso vender o álcool e comprar o óleo?

— Bem, no balanço feito na fazenda, estamos empatados, O álcool é mais caro, mas quando feito em casa não paga imposto. Nossa frota movida a coisa nenhuma. Ademais, estamos com álcool sobrando, sem mercado e sem tancagem.

\* \* \*

Oferta anual estimada em 7,9 bilhões de litros, safra 1983/84, com vocação para 9,1 bilhões em 1984/85, o álcool já responde pela substituição de 90 mil barris de petróleo por dia.

Em abril, de cada 100 carros novos introduzidos no mercado, 88 com motor a álcool, Na próxima remarcação dos preços, ainda que sustentada a paridade de 59 por Cento, o carro a álcool deverá passar dos 90 em cada 100.

\* \* \*

O mercado preocupa-se menos com o álcool e mais com o feijão: o canavial brasileiro ocupa, agora, 3,9 milhões de hectares — metade para o açúcar, metade para o álcool. A produção de alimentos em geral, inclusive pastagens, alcança 118 milhões de hectares.

Para Eduardo Celestino Rodrigues, da Comissão Nacional de Energia; a cana nada tem a ver com a escassez de alimentos: terra agricultável é o que não falta nas propriedades tituladas do Brasil. E revela uma situação interessante: no espaço mais denso do açúcar e do álcool, a região agrícola de Ribeirão Preto, SP, os canaviais consorciados respondem pela produção paulista de 52 por cento da soja, 48 por cento da laranja, 38 por cento do abacaxi, 31 por cento do feijão, 20 por cento do amendoim, 22 por cento da cebola e 18 por cento do arroz.

**(Página 18)**